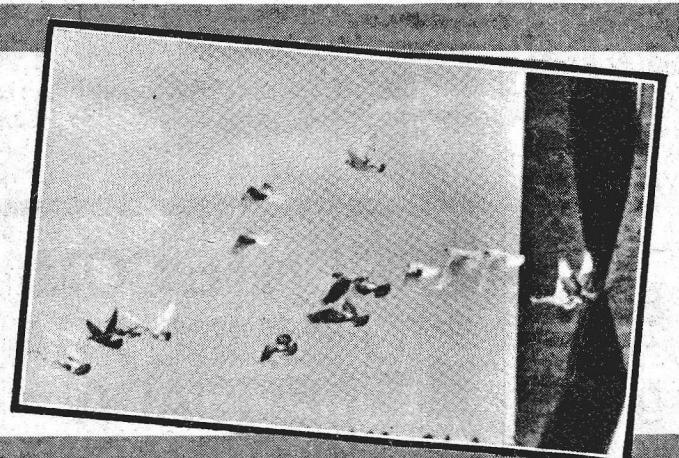


Os pombos poderão ficar sem abrigo com as mudanças previstas na Praça dos Três Poderes

Mais uma atração para turistas



Para onde voam os pombos?

E os pombinhos da Praça dos 3 Poderes? Para onde serão levados? Em que prédio de Poder vão poupar na proposta de paz que transmitem? Essas perguntas estou fazendo ao ouvir o propósito de Oscar Niemeyer em derrubar o monumento do pombal, que cederia o espaço visual ao anunciado Pantheon, já projetado, em homenagem à memória de Tancredo Neves.

Recordo os primeiros dias da construção daquele pombal, também projeto de Niemeyer, encorajado como a única obra do ex-presidente Jânio Quadros no DF.

Uma praça fria, árida, séria e severa, até hoje sem árvores, sem chafariz, sem fontes luminosas e sem namorados. A Praça dos 3 Poderes vai continuar assim e ainda sem a presença dos pombinhos que às vezes pousam na cabeça da estatua da Justiça e já foram em fotos até ilustração de catálogo telefônico.

A sugestão é que Niemeyer projete um novo monumento mais bonito, bem no meio da Praça, para os nossos pombinhos até hoje ameaçados na paz que sempre procuram transmitir na paisagem física e humana de Brasília. Chega

de ameaça aos pombos. Além dos gaviões do cerrado que durante a noite devoram os seus filhotes, agarrados pela cabeça, ainda nos ninhos, os pombos já sofreram a ameaça de extinção proposta no fim dos anos 60 pelo ex-diretor-geral da Secretaria do STF, nosso amigo Hugo Mósca, que alegava doença transmitida pelas aves às crianças que visitam a Praça. O então presidente do STF, ministro Luiz Gallotti, chegou a se preocupa com a denúncia que ao ser examinada pelos sanitários, foi julgada logo improcedente.

Uma outra ameaça, das mais recentes, foi a dos anzóis dos meninos da Vila Planalto. Os pombos foram jantados numa evidência de que a fome chegou na Praça dos 3 Poderes. A polícia chegou a montar guarda para reprimir os meninos dos anzóis. Até hoje, uma ameaça constante é a da alimentação do pombal. Frequentemente funcionários da guarda do STF, reclamam da administração da Fundação Zoobotânica (órgão administrador dos pombos) que o milho está escasso.

Cacando comida pela Praça, os pombinhos também são caçados pelos meninos famintos.

(Ezio Pires).

JORGE LUIZ NATAL
Da Editoria de Cidade

A derrubada do pombal pode tirar um pouco da alegria da Praça dos Três Poderes, mas a construção do Panteão da Liberdade e da Democracia com certeza será mais uma atração turística para o local. A obra pode dar a idéia de um pássaro, ou de uma flor como prefere o seu criador. No lugar do mastro, uma pira. Seria a chama da Democracia. O projeto vai alterar a Praça dos Três Poderes e, quem sabe, compor harmonicamente com os três poderes e aumentar a beleza do cal.

Como o País, a praça também precisa mudar. Durante os últimos 21 anos a Praça dos Três Poderes foi a expressão de apena um poder. A Praça

ficou fria, sisuda e nada deu certo. Apenas os pombos quebravam essa frieza. O Museu Histórico, onde tem um busto de Juscelino Kubitschek, ficou anos desativado e, em 1983, foi reaberto ao público. A Praça começa a se modificar. A Casa de Chá foi recuperada pela Novacap e está pronta para funcionar.

A indefinição do segundo escalão do GDF pode dar um pouco mais de vida à Praça dos Três Poderes. Não que o GDF saia o quarto poder, mas acontece que o Detur, sem diretor, não sabe o que fazer com a Casa de Chá. Criada também por Niemeyer, a Casa deveria ser um ponto de encontro de políticos, jornalistas e turistas. Depois de uma audiência no Palácio do Planalto, um chopp ou um ch.a

para avaliar os resultados da audiência. A Casa nunca funcionou. Chegou a ser um restaurante chinês, mas que teve vida curta.

O ex-diretor do Detur, Tarcísio José dos Santos, pretendia reabilitar a Casa de Chá. Não pôde concretizar seu projeto, mas o local está pronto para ser explorado. Se a Casa de Chá voltar a funcionar, se o Panteão for construído e se o mastro for para outro local, a Praça pode ser do povo. Mas é muito se é, no momento, apenas uma certeza: os pombos quebram a frieza da praça e convivem harmonicamente com a obra de Oscar Niemeyer e outros monumentos da Praça, como a bela escultura de Bruno Giorgio, os Dois Guerreiros, uma homenagem aos cangangos que poucas vezes foram à Praça.

As várias questões que surgem

Mudar ou não a praça dos Três Poderes? Eis a questão. Retirar ou não o mastro da bandeira? Outra questão. Retirar ou não o pombal? Mais uma questão. São três questões, aliás três é mesmo o número da praça. Se concretizado, o Panteão em homenagem àqueles que lutaram pela democracia e liberdade, será a terceira obra a ser erguida além do projeto original. Três órgãos diferentes administram três obras diferentes: O museu é administrado pela Fundação Cultural do Distrito Federal, o Pombal pela Zoobotânica e a Casa de Chá pelo Detur. Mais tem uma quarta questão: quem vai pagar o Panteão?

Oscar Niemeyer, empolgado com sua criação, pretende vê-la inaugurada em seis meses. O GDF é quem vai pagar. Com várias greves na cidade, o problema das tarifas dos transpor-

tes urbanos, e os assentamentos, o dinheiro do Governo deve demorar a chegar ao Panteão. Por uma questão de ética, Oscar Niemeyer, evita qualquer crítica ao mastro da Bandeira, criado pelo arquiteto Sérgio Bernardes, mas fica claro que não há espaço para o mastro na Praça dos Três Poderes. O pombal também está ameaçado.

Poucos defenderão a manutenção do mastro, mas a derrubada do Pombal vai gerar polêmica. Única obra em Brasília a lembrar o curíssimo governo de Jânio Quadros. A idéia foi da dona Eloá Quadros que queria ver as aves protegidas. Assim se fez a primeira modificação no projeto original da praça. Os pombos são a alegria dos turistas, crianças e dos fotógrafos amadores ou não e quebram a monotonia, frieza, e sisudez da Praça. Não é a primeira vez

que os pombos são ameaçados de despejo. No início da década de sessenta, o então diretor-geral do Supremo Tribunal Federal, Hugo Mósca, realizou uma verdadeira cruzada contra os pombos. Segundo ele as aves eram responsáveis pela transmissão de várias doenças.

Embora tenham criado muita polêmica, os pombos continuaram com direito a casa própria, e bem localizada. Afastado o primeiro perigo de despejo, os pombos passaram a lutar pela sobrevivência. Filando a comida dos gansos do Congresso ou recebendo pipocas dos turistas, as aves sobreviveram e agora são tratadas pela Fundação Zoobotânica. Na imensidão da Praça, os pássaros são, na maioria das vezes, a única coisa viva no meio dos monumentos. Eles agora correm o risco de ser substituídos por um outro pássaro, só que este será de concreto.